



Opinião Econômica

Rodrigo Zeidan

Professor da New York University Shanghai (China) e da Fundação Dom Cabral. É doutor em economia pela UFRJ



Preguiça ou riqueza?

Ninguém precisa sofrer para aprender, e as pessoas não devem ser carne no moedor da vida corporativa

“Se eu tive que sofrer para aprender, ele também vai” é uma frase comum para pais e mães que passaram por obstáculos cabulosos. Mas ninguém precisa sofrer para aprender.

Motivação pode ser dividida, grosso modo, em extrínseca e intrínseca.

A primeira é a que vem do ambiente. Para sobreviver, fazemos o que for necessário, seja via cenoura ou pedaço de pau. É o tipo que alimenta o empreendedorismo de sobrevivência e o fogo que faz com que muitos trabalhem duro para melhorar de vida.

A intrínseca é diferente. Alguns têm em maior ou menor quantidade e outros não têm nenhuma. É a alavanca que muitos têm para criar, produzir e construir mesmo sem recompensa.

Em um artista, resulta em Picasso, Artemisia Gentileschi, Monet e milhares de outros anônimos, que morreram com pincéis na mão, bem-sucedidos ou não.

Quando acontece em alguém no mercado corporativo, resulta em um workaholic (viciado em trabalho), que não consegue se desligar porque o trabalho é o fim em si mesmo.

O problema é que muitos pais, especialmente os com motivação intrínseca forte, não sabem lidar com o paradoxo moderno: enriquecer é acabar com motivações extrínsecas, mas, sem elas, o que acontece com indivíduos sem impulso interno? São preguiçosos? Acomodados? Vagabundos? Nada disso!

Na verdade, é exatamente isso que queremos como socieda-

de: pessoas que não precisam ser carne no moedor da vida corporativa moderna.

Mas se são nossos filhos, ficamos desesperados. “Ele não sabe o valor do dinheiro. Ela nunca teve que trabalhar duro.” Que bom, seria ótimo que ninguém realmente passasse necessidade, com uma relação simples com dinheiro, usando quando se precisa e esquecendo dele o resto do tempo.

Em um país rico como a Dinamarca, ninguém realmente precisa trabalhar, mas se ninguém o fizer, a sociedade não se mantém rica. Por isso, desenha-se políticas como o sistema de seguridade flexível (flexicurity): ajuda estatal só vem se alguém estiver disposto a trabalhar. Ainda assim, há uma multidão de jovens insatisfeitos.

Como não têm motivação intrínseca, vão para o mundo corporativo sem entender porque estão ali. Não conseguem subir na carreira e acham isso injusto.

Mas esse talvez seja um problema sem solução. Se o ambiente não colabora, há como fazer algo? Um conhecido é infeliz porque é ator, mas não consegue bons papéis, tendo que ganhar seus “pauzinhos” R\$ 20 mil por mês fazendo coisas que não gosta, como trabalhar em restaurantes. Mas ele não está realmente disposto a trabalhar duro para conseguir os melhores papéis; quer que o sucesso caia no colo.

A sociedade ainda usa a culpa para motivar as pessoas. A única pessoa feliz no país, sem sombra de dúvida, é um sujeito chamado de “Roberto Preguiço-

so (lazy Robert)”, porque estudou filosofia até ser expulso da universidade e achou trabalhar no McDonalds muito cansativo. Ele faz o mínimo para receber seguro-desemprego e vive feliz por Copenhague. As pessoas o chamam de preguiçoso porque, no fundo, sentem inveja da sua liberdade; por isso o uso da culpa.

Parece um problema de ricos, mas mesmo no Brasil, pais se descabelam porque seus filhos, bem alimentados e com as contas pagas, não querem se esforçar. Empresários escolhem mal sucessores e o nepotismo afunda a organização. Muitos ralam para entrar numa universidade sem saber para quê. E não há cenoura ou pau que resolva.

E você? Sai da cadeira por que motivo?

PROGRAMA
banrisul
reconstruir RS

NÓS VAMOS
RECONSTRUIR JUNTOS.

O Banrisul acredita na tua força e no futuro de todos os gaúchos.

banrisul
Um banco único.
Porque te entende.



Enchentes impactaram entre 84% e 92% dos empregos formais no Rio Grande do Sul

/ TRABALHO

Caren Mello

caren.mello@jcrs.com.br

As enchentes ocorridas entre o final de abril e o mês de maio no Rio Grande do Sul afetaram entre 84% e 92% dos postos de trabalho formais nos municípios mais atingidos. O índice foi divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), vinculado ao Ministério do Planejamento e Orçamento, a partir de levantamento realizado nos dois últimos meses entre empresas privadas.

Uma segunda fase do estudo, já em andamento, vai apurar o impacto na funcionalidade dentro de órgãos públicos.

O Ipea realizou o levantamento através de cruzamento de dados, conforme explica o técnico de planejamento e pesquisa Alexandre Cunha. “A partir das manchas de inundação, em regiões que foram alagadas ou onde houve deslizamentos, cru-

zamos as informações de localização de CNPJs e a quantidade empregados que elas tinham. São empregos que estavam em lugares inacessíveis”, destacou.

O técnico, que atua junto à presidência da entidade, observa que o levantamento foi solicitado pela Casa Civil da Presidência da República, para servir de embasamento aos programas de auxílio às empresas.

“A urgência do governo foi para dar uma resposta ao setor privado. Agora, estamos estendendo o estudo de impacto em equipamentos públicos, como hospitais, escolas, postos de saúde e centros de atendimento sociais”, complementa Cunha.

Dentro do levantamento, o Ipea também estimou que pelo menos 27% dos estabelecimentos e 38% dos postos de trabalho em Porto Alegre foram diretamente atingidos. Já no recorte do Rio Grande do Sul como um todo, em todas as cidades do Estado, ao menos 23,3 mil estabelecimentos privados (9,5% do total nesses

municípios) foram diretamente atingidos, assim como 334,6 mil postos de trabalho (o equivalente a 13,7% do total).

A retomada dessas vagas perdidas, sejam eles por demissão ou pela inatividade das empresas, é fundamental para a retomada da economia gaúcha, na avaliação do economista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e especialista em Desenvolvimento Econômico, Desenvolvimento Local, Política Industrial, Mercado de Trabalho, Educação e Finanças Públicas, Jorge Ussan.

Para o especialista, na melhor das hipóteses, o Estado deve chegar ao final do ano com crescimento zero no PIB, isso porque já havia uma alavancagem a partir de fatores como a safra. “Os empregos serão recuperados a partir de agosto. A questão é saber quantos e onde”, ressalta.

Ussan se refere ainda à possibilidade de muitas companhias mudarem de endereço, migrando para locais mais seguros, além



Em Porto Alegre, 38% dos postos de trabalho foram afetados pelas cheias

das que, provavelmente, não conseguirão retomar suas atividades. A recuperação de curto prazo se dará através dos menos atingidos, observa o economista.

Entre os mais atingidos, há desafios como compra de máquinas, novas instalações e acesso a crédito. “Muitas empresas vão

sair do Vale do Taquari, Eldorado do Sul e, até mesmo, aqui no Quarto Distrito, na Capital, por exemplo. O governo do Estado deveria dar uma atenção especial para essa mudança de infraestruturas, desde os mercados até as escolas públicas. Não vejo essa discussão sendo feita”, enfatiza.